



Apresentação

Para uma revista de literatura que congrega gente portuguesa e brasileira, não está mal que comece seus trabalhos com um número dedicado centralmente a uma revisão crítica do passado autoritário, neste caso aquele transcorrido durante a Ditadura Militar brasileira (1964-1985). Porque nossas histórias, tanto as nacionais de Brasil e Portugal quanto a compartilhada no tempo que medeia entre o Descobrimento e o Grito do Ipiranga, são atravessadas por autoritarismo, regimes de exceção, obscurantismo, perseguição a opositores — e porque a literatura, como a arte em geral, quase sempre esteve no lado oposto a tais horrores, mantendo uma posição que combatia as trevas e postulava a luz.

Por isso, julgamos começar bem ao arrancar nossa trajetória por este terreno em que a literatura de língua portuguesa (mas não só ela, naturalmente) fez e faz bonito, um bonito que vai além do ornamental: vai em direção ao território da liberdade, da vida, da afirmação do belo como parente do justo e do bom.

O principal do material desta edição nasceu do evento “Literatura e Ditadura”, coordenado por Homero Araújo, levado a efeito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul no ano de 2004, que teve como mote justamente os 40 anos do Golpe de 64, episódio inaugural do período de exceção, de má memória. Aliás, de memória que, como em todos os campos, merece ser meditada, no mínimo para que o futuro não nos reserve outras surpresas do mesmo tipo.

É de construção da memória, de materialização da perspectiva crítica sobre o passado, que se compõe o centro dessa edição, como dizíamos, na seção *Dossiê — A literatura em tempos de repressão*, que abre o conjunto. Vai-se ver que muitos dos colaboradores fixaram atenção precisamente nas relações entre a criação literária e os tempos pesados.

O teatro aparece no texto de Seleste Michels da Rosa, debruçado sobre a clássica montagem de *O rei da vela*, de Oswald de Andrade, levada a efeito na época. Um estudo isolado mas de grande valor é o de Susel Oliveira da Rosa, cuja atenção recai sobre as relações entre imprensa alternativa e censura. Mais que o teatro e o jornalismo, porém, a canção popular ganha a atenção central de três estudos, por Andréia Scheeren, Eugênio Brauner, Vivian Albertoni e Guilherme Pereira, que pensam sobre esse gênero, tão efetivo na vida brasileira e ainda tão pouco assimilado pela Universidade, gênero que justamente naquele período, a partir da Bossa Nova, ganhou uma importância que até então não tivera,

como veículo de expressão e debate da vida brasileira, especialmente no que se refere às camadas mais jovens da população.

A poesia em sentido estrito está no centro de quatro importantes artigos, um de Cimara Valim de Melo versando sobre Ferreira Gullar, outro de Adriana Rodrigues Machado pensando sobre Vinícius de Moraes, sem dúvida dois dos poetas mais relevantes da vida do país na altura. Um terceiro artigo focado na poesia vai estudar um poema dramático de João Cabral de Melo Neto: trata-se do *Auto do Frade*, que a especialista Susana Vernieri submete a apreciação. Carla Martins Vianna, de sua parte, estuda o Drummond de *As impurezas do branco*, livro daquele tempo realmente sujo.

Talvez pareça uma desproporção que oito dos dezessete textos se voltem para a narrativa do período, uma vez que, vistas as coisas da distância de algumas décadas, parece mesmo que não foi nem no romance, nem no conto, que restou a principal herança daquele tempo para o futuro, herança que parece ter provindo mais da canção do que de qualquer outro gênero literário (ou semiliterário, digamos). Ocorre que de fato a ficção narrativa, particularmente o conto, ocupou um enorme espaço como veículo da reflexão e da expressão daquela experiência histórica.

Ou alguém duvida que Rubem Fonseca seja um autor de importância capital, na época e para sempre? Tanto é assim que Luciana Paiva Coronel, doutorada sobre o autor, comparece aqui com um estudo sobre ele, ao lado de Marcelo Frizzon. José J. Veiga, autor de enorme repercussão nos anos 60 e 70, ganha estudo de Gínia Gomes, em busca da interpretação alegórica de uma de suas novelas. Caio Fernando Abreu não poderia estar fora desta reflexão, autor significativo que foi então, e por isso mesmo o artigo de Aline Azeredo Bizzelo se justifica. Um autor não tão notável, mas de grande alcance por sua criatividade e sua excelência de linguagem e invenção, Carlos Süssekind, é escrutinado por Fábio Bortolazzo Pinto, completando o repertório das narrativas brasileiras daquele tempo.

Fecham a seção estudos sobre outros quadrantes, mas igualmente dedicados a refletir sobre a relação entre criação literária e autoritarismo: um é o estudo de José Evandro Martins Paz sobre *Animal farm*, outro o trabalho de Neiva Fernandes sobre *Andamios*, finalmente um terceiro sobre ficções da literatura de língua portuguesa na África, por Claudiany Pereira. Inglaterra, Uruguai, Moçambique e Timor Leste, assim, passam a entrar na conta da reflexão geral da *Nau*, em sua primeira viagem.

Na Seção Livre, sete outros artigos de grande consistência, agora cada qual dedicado a um tema isolado, que mesmo assim pode entrar em sintonia com o conjunto recém

mencionado. O Kafka de Márcio José Coutinho, ao lado do Almeida Faria de Lígia Sávio e do Raduan Nassar de Hugo Retamar, este ao lado de outro estudo sobre o mesmo *Lavoura Arcaica*, por Antônio Sanseverino, fazem figura destacada ao lado do artigo de Joseane Rücker, este dedicado a medir as distâncias entre uma posição comunista sessentista (o Ferreira Gullar crítico de *Vanguarda e subdesenvolvimento*) e outra posição de esquerda mas não-comunista (o Roberto Schwarz de *Nacional por subtração*). Finalmente, comparecem os estudos de Mariana Chagas (sobre um aspecto da obra de Caio Fernando Abreu) e Kátia Seckler (sobre Historiografia literária).

Que o leitor se sirva deste variado repertório, que ajuda a entender nossa vida, abrindo-se para o futuro.

Luis Augusto Fischer